

MAÇONARIA TUPINIQUIM

JORNAL



PERIÓDICO OFICIAL DO PROJETO MAÇONARIA TUPINIQUIM



NESTA EDIÇÃO

VICTOR CAPELLARI PÁGINA 2

CLOVES GREGORIO PÁGINA 6

O que o processo de prisão de Hipólito José da Costa, pode revelar sobre a perseguição da maçonaria em Portugal?

Por Cloves Gregorio

EDITORIAL

POR CLOVES GREGORIO

O Maçonaria Tupiniquim Jornal é um periódico que apresenta textos e estudos referentes a história, liturgia e cultura da maçonaria, visando instruir e informar acerca da fraternidade a irmãos estudiosos.

O periódico, é distribuído **bimestralmente** em formato eletrônico para os apoiadores do Maçonaria Tupiniquim, através da plataforma apoia.se, disponível no endereço eletrônico a seguir clicando [aqui](#).
Ou optar por um plano anual via pix.
Mais informações no e-mail:
cloves@maconariatupiniquim.com.br

MAÇONARIA TUPINIQUIM

Espero que este texto encontrem vocês bem, e que o conteúdo neste número os alimentem com um recheio aprazível e cheio de informações. Advirto-vos que a leitura cairá bem com um café, ou se tens uma vida corrida como a minha, em pé num transporte público a caminho do trampo.

Neste exemplar temos a estreia de nosso Irmão Victor Capellari como articulista, escrevendo sobre como os Nazistas utilizaram a estética de horror como propaganda antimaçônica e como essa ini -

ciativa ecoa até os dias de hoje, embalando preconceito e desinformação.

Apresento também um artigo que tem como tema a perseguição inquisitorial das autoridades portuguesas e eclesiásticas à Hipólito José da Costa e como este caso contribui para conhecermos a perseguição lusitana à maçonaria.

Desejo boa leitura e espero que gostem,
Fraternalmente,

Cloves Gregorio

PÁGINA 1

NOSFERATU, NAZISMO E MAÇONARIA: UMA RESENHA CULTURAL

POR VICTOR CAPELLARI



O filme *Nosferatu* (1922), dirigido por F.W. Murnau, até hoje é lembrado como uma obra-chave do cinema expressionista alemão, mas, como tudo na vida, não escapa das sombras do seu tempo. A história de um vampiro que parece sair dos pesadelos para invadir a realidade, se enreda, de forma quase invisível, com uma trama muito mais sombria: o uso da arte como ferramenta para banalizar o mal. O vampiro, com sua cara de morte ambulante, nariz afilado, aparência cadavérica, e um jeito predador, chegou com o peso de representações que, ao invés de assustar só com sua imagem monstruosa, também atiravam uma sombra mais profunda sobre os telespectadores, como arquétipo do grande inimigo escondido nas sombras.

A Alemanha estava, na época, se afogando em uma crise econômica, social e política. E, como em tempos de aflição, o medo se espalha rápido e facilmente, uma série de teorias conspiratórias e discursos xenófobos floresceram. E quem melhor para servir de bode expiatório do que os judeus? Os

vampiros, que sempre simbolizaram algo de "estrangeiro", "infectante", "corruptor", serviram de inspiração para alimentar velhos mitos. As teorias da conspiração são um prato cheio para quem gosta de criar histórias, especialmente quando o caos toma conta e a sociedade entra em parafuso. No século XX, essas histórias se tornaram um combustível poderoso para a propaganda política, usando imagens e símbolos que mais pareciam saídos de um conto de terror. Com elas, se plantavam medos, ódios e uma ideia de que certos grupos, os "outros", eram uma ameaça para a própria existência da sociedade.

As ideias de encontros noturnos e complôs misteriosos tomavam conta da mente popular. Medo do desconhecido, do que ninguém via, mas todos achavam que estava ali, à espreita, assim tinham alguém para culpar pela derrota na primeira guerra e por todo desfortúnio. Mesmo com *Nosferatu* sendo lançado antes da ascensão do regime nazista, a figura do vampiro, como uma metáfora de corrupção e decadência, ressoou em um contexto cultural que, mais tarde, seria usado para justificar atrocidades.

Quando os nazistas, com sua máquina de propaganda, começaram a transformar o "outro" em um monstro, em uma praga, a sociedade já estava cheia de narrativas que alimentavam essa ideia. *Nosferatu*, com seus dentes afiados e olhar vazio, se encaixava na perfeição nesse cenário. Era como se a arte já tivesse dado o primeiro passo para a desumanização do inimigo, antes mesmo que o genocídio fosse oficialmente planejado. O filme virou uma espécie de prenúncio do que estava por vir, sem saber disso, claro. E com o nazismo, esse simbolismo foi colocado a serviço da propaganda, com filmes como *O Judeu Eterno* (1940), que ampliaram e deformaram essa figura de predador, sempre conspirador, sempre ameaçador.

Para que serve um bom “herói” sem um monstro para personificar o mal, não é mesmo? As teorias da conspiração adoram usar bichos para representar seus inimigos. Serpentes, ratos, aranhas, porcos... tudo que é nojento e traiçoeiro vira uma metáfora do inimigo. A aranha, com sua teia engenhosa, se torna o símbolo do vilão que está sempre tramando, se enroscando e criando um plano maligno para pegar a todos. Esses animais, repulsivos e traiçoeiros, são como uma lâmina afiada, cortando a confiança e espalhando o pânico. E é claro que, para que algo tão brutal quanto o Holocausto fosse possível, precisou de muito mais do que ódio. Precisou de uma narrativa bem construída, uma história que dissesse que o outro não era só diferente, mas perigoso, e que sua eliminação era necessária. O vampiro, com sua pele fria, seus olhos de predador, ajudou a pintar esse quadro. Ele não era só um monstro no cinema, mas um reflexo de um medo real que se espalhava por toda a Europa.

Durante os anos sombrios do regime nazista na Alemanha (1933-1945), a propaganda foi uma ferramenta certa para destruir, de forma sistemática e cruel, a imagem de vários grupos que consideravam "indesejáveis" – judeus, gays, comunistas e maçons, entre outros. Não era só sobre difundir ideais de supremacia racial, mas também sobre acabar com a identidade e a história desses povos. Tudo era feito para humilhar e desacreditar, como se um estigma fosse lançado sobre esses grupos, tentando transformar o preconceito em uma verdade irrefutável. Empregaram o termo de “Arte Degenerada”, um rótulo de artistas inimigos da cultura “pura”, dizendo que suas obras eram perigosas para a alma alemã, para expor suas alegações pegaram templos e edifícios religiosos, que eram símbolos de fé e resistência, e os transformaram em “museus” para expor os “segredos” dos grupos perseguidos. Esses museus não passavam de armadilhas, armadas para envergonhar as comunidades e espalhar uma mentira cuidadosamente construída, com o objetivo de pintar uma imagem de ameaça.

Com os judeus, por exemplo, o regime nazista chegou a planejar a construção de um enorme museu “anti-judaico” em Praga. Eles queriam expor objetos religiosos e culturais de sinagogas e famílias judias, tudo isso sendo roubado de quem não tinha para onde correr. Mas, com a guerra avançando e as prioridades mudando, o projeto foi interrompido. No fim, não passou de mais um plano fracassado dentro do caos da guerra. Agora, a construção do museu da maçonaria encontrou mais sucesso. Muitos templos maçônicos foram fechados ainda antes de as deportações começarem e transformados em museus que serviam para espalhar a ideia de que os maçons eram inimigos da “pureza” alemã. Esses espaços se tornaram verdadeiros calabouços de desinformação, onde artefatos maçônicos eram mostrados como provas de uma “conspiração” que só existia na cabeça dos nazistas.



**CURSO LIVRE
DE HISTÓRIA DA
MAÇONARIA NO BRASIL
(1789 - 1895)**

Matrículas
abertas